A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

No mesmo cemiterio, a dois passos uma da outra, talvez, ensombradas pelo mesmo cypreste feio e lugubre, acabam de cerrar-se duas campas, sobre as quaes gotteja ainda o orvalho de lagrimas saudosas.

No marmore gelado da que se fechou primeiro lê-se o nome illustre d'um actor glorioso:—João Anastacio Rosa.

Na lapide singela da que se fechou depois, soletra-se o nome d'um poeta popular de raro merecimento:—Antonio de Menezes.

Morreram quasi ao mesmo tempo, e tiveram a dizer-lhe o ultimo adeus, sobre a fria relva do cemiterio, quasi que os mesmos amigos.

Um cerrou os olhos para o somno eterno, tendo percorrido o mundo n'uma longa carreira de triumphos. Antes de se esconder nas brumas do tumulo, a velhice fatal roubara-o aos deslumbramentos da Arte. Foi para a cova solitaria e humida farto de viver, saturado de glorias, já no periodo em que a alma está erma de illusões e o espirito vazio de azues chimeras.

O outro desappareceu no pleno desabrochar da mocidade, aos vinte e cinco annos cheios d'amor por tudo quanto é bello, no proprio instante em que o coração começava a querer dilatar-se-lhe mais e mais, afagando mil aspirações legitimas. Extinguiu-se-lhe o alento na edade dos sonhos dourados, quando a vista se deslumbra ainda na contemplação de feiticeiras miragens, quando é maior e mais intensa a sede de viver, quando o espirito brinca alegremente pelos paramos risonhos da fanthasia.

Um deixou-nos já cansado e velho; o outro despediu-se das suas queridas illusões em todo o brilho da mocidade que resplende.

João Rosa, o *Pae Rosa*, como ahi lhe chamavam, sentindo fugirem-lhe as forças votadas ao serviço da Arte, abandonara os fulgores da ribalta, dando homem por si. Quando as pernas lhe fraquejaram, e os olhos amortecidos não souberam mais illuminar-lhe a

PONTE DE LIMA

fronte artistica, o grande actor reunio conselho de familia, confiando aos seus dois filhos a missão gloriosa de lhe illustrar na scena o nome já tão illustre.

Entre o eclipsar do astro que se sumia e as primeiras scintillações dos que vieram substituil-o, não houve um instante de trevas a avolumar saudades. O theatro não chegou a ensombrar-se de crepes. O espirito publico não se compenetrou bem da realidade d'aquella perda irreparavel, tal era o brilho intenso dos dois talentos que vieram illuminar o tablado onde o outro fulgira.

Antonio de Menezes foi menos feliz, e da sua enorme desventu-

ra participa o jornalismo que hoje lhe prantea o passamento.

Insubstituivel na *gazetilha*, não poude experimentar o supremo jubilo de dar por si um gazetilheiro da mesma plana. Morreu, levando para a cova negra o segredo de rir de tudo, sem provocar odios e malquerenças. Desappareceu d'entre nós todos, deixando vaga para sempre, talvez, em dois jornaes, uma secção que durante muitos annos, *au jour le jour*, registrava as suas gargalhadas de bohemio alegre, as suas satyras inoffensivas, as suas facecias graciosissimas e inimitaveis.

Ahi está porque a morte de Antonio de Menezes, o modesto *Argus* do *Tam-Tam* e das Revistas do anno espectaculosas, é tanto ou mais sentida que o passamento do velho *Pae Rosa*, aquelle gigantesco vulto do theatro portuguez.

Todos ahi conheceram João Anastacio Rosa, o mestre consumado na Arte, o ensaiador excellente e meticuloso, o esculptor distincto, o inventor do calçado impermeavel, o phrenologista caturra, o cavaqueador finissimo, e o espiritista convicto.

Nascera guardando porcos, e transformara-se de pastor ignorado em artista gigante, graças ao tacto extraordinario de Emilio Doux, a quem o nosso paiz deve a revelação de muitos talentos artisticos brilhantissimos.

A sua vida d'actor foi uma serie enorme de colossaes triumphos, desde o que alcançou no papel de mulato da *Mathilde*, até aos conquistados no *Morgado de Fafe* e no *Marquez de la Seiglière*, a maior corôa de gloria do assombroso artista.

Ultimamente o pobre Rosa desapparecera de todos os centros de cavaco da baixa, onde o viamos, com o seu eterno *pardessus* claro pendido do hombro, contar enecdotas picarescas e desopilantes.

Tinham-se-lhe aggravado os padecimentos antigos. Haviam-se-lhe extinguido as ultimas forças. Era impossivel reagir por mais tempo contra o mal e representar perante o mundo a comedia d'uma vida ficticia prestes a apagar-se.

Como os incommodos physicos não lhe permittissem já ter sempre engatilhada nos labios a facecia alegre, o orgulhoso actor deu a *deixa* aos seus companheiros de cavaco do Chiado, e recolheu-se a bastidores, despindo as roupagens da ultima peça mundana em que representara. Passados dias veio o derradeiro estrector: um funebre adrecista qualquer desdobrou negros crepes no tablado da alcova mortuaria: a morte impiedosa caracterisou de tons lividos a fronte exanime do artista genial: mãos amigas vestiram-lhe a sinistra *toilette* dos condemnados ao sepulchro: o drama da vida acabou para dar logar ao drama incomprehensivel e mysterioso da Eternidade, e o panno desceu vagarosamente sobre a scena.

O grande interprete do *Marquez de la Seiglière*, do *Alfageme* e do *Gil Vicente* não é hoje mais do que um nome e uma gloria: gloria que nos envaidece e orgulha, nome que havemos de proferir sempre com verdadeira saudade.

E *Argus*, o nosso bom *Argus*?

Não tinha biographia, nem historia, nem passado, como não teve futuro. Um bom rapaz estouvado e bohemio, um coração de ouro, que, para rir de tudo, até da morte ria, sem saber que ella o espreitava traiçoeiramente desde longo tempo, para lhe vibrar o golpe fatal quando o visse mais enamorado da vida.

Mesmo no periodo agudo da sua doença implacavel, quando a febre lhe escaldava as mãos, e as hemoptysis repetidas lhe punham nas faces macilentas uns tons cadavericos, Antonio de Menezes não deixou de trabalhar, nem perdeu a sua feição humoristica. Lidou até ao fim, sorrindo e versejando sempre, versos faceis e espontaneos com scintillações de graciosidade inimitavel, sorrisos francos e bons, em que transparecia a pureza immaculada da sua alma.

Dois dias antes de cahir de vez, prostrado nos braços maternos, ainda foi d'elle a gazetilha do *Jornal da Noite*. Quatro quadras pequeninas e conceituosos, doze versos sem pretenções e talvez incorrectos, mas galhofeiros e alegres, a denunciarem jubilos onde tantas dores havia.

Fallava da abertura das camaras:

Abriram-se hoje! Os granjolas
Que satisfeitos estão!
Provavelmente amanhã,
Ja elles fazem questão!

Qu'riam as Côrtes abertas
Depressa, no mesmo instante.
O que sairá d'aqui?
Pensa o paiz vacillante?

Eil-as abertas—emfim!
O que haverá d'imprevisto?
Teremos um novo diluvio?
Cae um raio em tudo isto?

Ai Granja, dize o que fazes,
Que idéas tens, deshumana?
Não nos mates com rhetorica!
Não nos pizes—ó tyranna?

Mal sabia elle que esta gazetilha seria a ultima! Mal imaginavamos nós que d'ali a quatro dias iriamos desfolhar saudades sobre o tumulo do gracioso poeta?

Se o que para ahi nos dizem d'uma outra vida d'além-tumulo não é *blague*, temos fé que Antonio de Menezes exclamará ainda lá de cima, no estylo faceto dos seus ultimos versos, a quem se lhe abeirar da campa: «Não me pizes, ó tyranno!»

Desventurado moço!

=E assim vae desapparecendo tudo quanto é bom e honesto e grande no jornalismo, na Arte, na sciencia, nas lettras, no theatro, na politica. E assim se vae desmoronando pouco a pouco este velho edificio, cahindo de preferencia os insubstituiveis, os validos, os que trabalham indefessos e dignos, os que não alimentam invejas, nem professam odios, nem se desdoiram na pratica de villezas infamantes.

As insignificancias ficam e pullulam. Muita vaidade injustificada a crear fóros de grandeza. Muita miseria torpe pedindo á *réclame* do compadrio que a vista de lantejoulas. Os pedantes e os imbecis guindados á gloria. Os uteis e os impollutos arremessados pela mão da morte para a voragem do esquecimento.

E' triste!

=Mas afastemos para longe de nós estas idéas funebres; apaguemos por instantes do espirito a lembrança d'estes dois enterramentos que se succederam com poucos dias d'intervallo.

Abriram-se as Camaras. Iniciou-se finalmente a grande tarefa reformadora das famosas côrtes *constituintes*, tarefa cujo começo a politica da opposição reclamava em artigos do fundo ameaçadores.

O governo fez-lhe a vontade, e a corôa recitou o discurso do costume, contente de se ver rodeiada pelos representantes da nação, jubilosa por poder registrar que continuam inalteraveis as nossas boas relações com as potencias estrangeiras.

A nota grandiosa d'esta sessão inaugural não foi dada nem pela falla do throno, nem pelos graves conselheiros da corôa, nem pelos dignos pares do Reino e senhores deputados indigenas. Deu-a uma simples mulher—a Rainha—pondo na sala de S. Bento as estranhas fulgurações do seu olhar, fascinando pela sua suprema elegancia deputados e senadores, povo e tropa, nobreza e clero, regeneradores e progressistas, constituintes e republicanos.

Alterassem-se as pragmaticas palacianas, rompesse-se com antigas uzanças, podesse a gentilissima princeza descer os degraus atapetados do throno para assistir quotidianamente ás sessões parlamentares, e nós veriamos se isto não tomava um caminho melhor, se a rhetorica azeda e pornographica de alguns senhores paes da patria não se vazava nos moldes da mais stricta cortezia.

Deus inspire as *Constituintes*, e que a presença da virtuosa soberana em S. Bento possa ter desinfectado o seio da representação nacional.

=Queria fallar-te da estreia da Devriés, do *Fausto*, da *Linda de Chamounix*, dos quadros do *grupo do Leão*, do concerto dos amadores de musica na Trindade, da endiabrada indiana Zenobia, do Colyseu, de mil cousas, emfim, que durante os ultimos dias fizeram ruido e alcançaram justificadissimos successos, mas gastei muito espaço a occupar-me de dois mortos saudosos. Antes de tudo a homenagem a quem morreu. Dos vivos ha muito quem falle.

C. Dantas.

O GENERAL CLAUDINO

VI

Estavam na Covilhã uns quarenta presos politicos, formando uma leva que devia marchar para Lisboa, escoltada pelo regimento de milicias da Guarda e a que se aggregaram os Pimenteis. Essa marcha teve um episodio tão caracteristico d'esses tempos singulares, que não deixaremos de o contar com mais alguma individuação.

Na Covilhã teve Claudino Pimentel de reagir energicamente contra o irmão do general Telles Jordão, que parecia disposto a algemal-o. Foi tal a intimativa com que o nosso biographado se dirigiu a elle, que o irmão do satanico governador da Torre de S. Julião receiou, balbuciou, declarando emfim que as algemas eram para os outros presos. Pagaram estes cruelmente a lição que Telles Jordão recebera do general Claudino, porque de tal fórma

lhes torturavam os pulsos, que, ao chegarem ao Fundão, muitos d'elles não poderam resistir ás dôres infernaes que sentiam, e foi indispensavel tirarem-se-lhes os grilhões.

Em Alpedrinha encontraram os presos acolhimento mais sympathico, graças á boa indole do juiz de fóra, que pertencia á familia do actual sr. marquez da Graciosa, e que tinha, como se vê, as qualidades nativas d'essa nobilissima familia.

Em Sobreira, porém, é que se passou a scena mais repugnante de toda esta longa e dolorosa peregrinação.

Havia festa na egreja de Sobreira-Formosa porque era o dia do orago da freguezia. Ouvia-se lá dentro o canto-chão dos padres, e via-se pela porta aberta de par em par o altar todo resplandecente de luzes. Sobre a multidão dos fieis ajoelhados ondeavam as nuvens do incenso que rescendia nos thuribulos. Ouvindo o toque dos tambores do regimento que passava, vieram á porta alguns dos habitantes, movidos por natural curiosidade. Logo porém que correu voz de que eram presos constitucionaes os que ali vinham, a turba d'aquelles devotos *christãos* largou em peso a egreja e veio á porta vociferar e insultar os desgraçados. Mas não foi só isso: os proprios padres, revestidos com as vestes sacerdotaes, com as chlamydes e estolas e amictos que só envergam quando vão celebrar o santo sacrificio, e quando teem de exalçar a Deus com mãos puras e coração lavado de odios e de paixões ruins o calice symbolico, os proprios padres, abandonando a catholica ceremonia, vieram associar-se *aos fieis*, e padres de vestes arregaçadas, e algum d'elles talvez com o crucifixo e o calice, sacristães com os thuribulos, começaram da porta do logar santo a insultar quem passava, emquanto lá ao fundo, no seu altar brilhante de luzes, o pallido Christo abandonado deixava pender nos braços da cruz o rosto macerado, em que fluctuaria talvez n'esse momento um tristissimo sorriso.

E o que completava então a singularidade da scena era o seguinte facto: O coronel do regimento de milicias, vendo a egreja aberta e lá ao fundo o altar com a imagem santa, deu as vozes de «Alto! Joelho em terra! Armas em adoração!» Rufaram os tambores! Inclinaram-se reverentemente as espingardas diante d'essa egreja transformada em inferno, a cujas portas, de costas voltadas para o altar, com a bocca de energumenos torcida em convulsões de raiva, espumante e sacrilega, os sacerdotes d'esse Deus, que todos adoravam, lançavam, á maneira de benção, sobre os constitucionaes ajoelhados tambem, os insultos e as ameaças!

N'essa terra devotissima foi difficillimo salvar os presos de serem assassinados pelos padres e os seus acolytos, e de certo não teriam escapado a essa tristissima sorte se o capitão Viegas, de quem já fallámos, não tomasse a resolução energica de correr á espadeirada a gentalha, batendo primeiro de prancha, mas depois não hesitando em acutilar a valer os covardes assassinos que fugiram dando gritos de maldição e de raiva.

Correu a jornada sem maiores incidentes, e ao chegarem a Abrantes foram os dois Pimenteis entregues ao tenente-coronel Soares, encarregado de os conduzir a Lisboa, e que tanto lhes facilitou os meios de se escaparem, que chegou a mettel-os n'uma sege, e a ordenar ao boleeiro sem mais precauções que os levasse ao castello. Claudino não quiz fugir! Entendia que poria em risco o tenente-coronel que n'elles confiára, e esse escrupulo bastou para que não fizesse a mais leve tentativa de fuga.

Poucos mezes estiveram no castello, passando pelo Natal para os horriveis carceres da torre de S. Julião, sendo esse captiveiro ainda supportavel emquanto governou a torre o brigadeiro Amaral; mas quando no dia 1.º de janeiro de 1829 o famigerado Telles Jordão tomou conta do governo, tornou-se verdadeiramente atroz a situação dos presos constitucionaes.

Telles Jordão era estupido e mau, um Beresford sem intelligencia nem estudos. Não tem havido a minima exaggeração nas informações que d'elle se teem dado. Conta o visconde de Villa-Maior um facto, de que foi testemunha auricular, e que bem define a estupidez do homem.

O visconde de Villa-Maior era n'esse tempo um rapaz dos seus dezoito annos, e acompanhava á torre de S. Julião sua mãe, que ia visitar seu marido Luiz Claudio e seu cunhado Claudino. Para essas visitas se permittirem era necessario um trabalho infinito. Pedia-se authorisação em todas as instancias, e, depois de obtida, ainda era necessario que os visitantes fossem com uma verdadeira escolta ao sitio onde só em presença de uns poucos de officiaes e de soldados se lhes consentia que fallassem com os seus parentes, e ainda assim por muito poucos minutos.

Uma vez, que o futuro visconde esperava silencioso que se fizessem os preparativos necessarios para se lhe permittir a visita, assistiu á seguinte scena, que narra agora no seu livro:

Conversava Telles Jordão com uns poucos de officiaes a respeito da parada que se devia effectuar no dia de annos de D. Miguel, dia que estava proximo. Voltou-se para um moço official de artilheria e perguntou-lhe:

—Teremos bom tempo no dia 26 de outubro?

—Eu não sei, meu brigadeiro.

—Então você, redarguiu grosseiramente o general, para que estudou mathematica, se não sabe o tempo que hade fazer? Ora ahi está porque eu não quero que meu filho aprenda mais do que ler e escrever, que é o bastante para ter religião e servir o sr. D. Miguel, nosso rei.»

Não se demorou muito tempo o general Claudino na torre de S. Julião, e no principio de 1830 deu-se-lhes ordem a elle e a seu irmão para partirem para o Porto. As coisas começavam a sorrir á causa constitucional. A Terceira mantinha-se e os seus defensores tinham infligido na Villa da Praia, no dia 11 de agosto de 1829, uma derrota memoravel ás tropas miguelistas. Entretanto, as prisões enchiam-se cada vez mais, e era necessario abrir espaço para os novos encarcerados.

Esse ou outro motivo fez com que Claudino Pimentel, e outros muitos, entre os quaes figurava um pobre octogenario, abbade do Sabugal, fossem mandados para o Porto, pessimamente accommodados n'um hiate, que esteve quasi naufragando, que arribou a Vianna com agua aberta, e em condições taes que o consul inglez Norton, indignado com o que via, ameaçou as auctoridades miguelistas de fazer publicar nos jornaes inglezes as atrocidades que em Portugal se commettiam. Houve medo, e foram desembarcar os presos, que seguiram a pé para o Porto. Debalde instavam alguns mais endinheirados que se lhes permittisse que alugassem carros para todos. Não quizeram consentir, e só o commandante da escolta cedeu quando Claudino, indignado ao ver cair exhausto de forças o pobre abbade do Sabugal, se sentou declarando que o podiam fuzilar ali mesmo, mas que não dava nem mais um passo.

Deu-se este successo proximo de Villa do Conde, e d'ahi até ao Porto foi a caminhada supportavel. No Porto entraram na cadeia da Relação, no meio dos insultos da gentalha, gritando um famoso Pitta Bezerra, quando viu passar Claudino: «Este quero eu ver sahir d'aqui n'uma tumba.»

Quando a doença que prostrou Claudino começou a tomar um aspecto ameaçador, dizia o pobre general melancholicamente:

—Vou dar gosto ao Pitta Bezerra.

O tempo que passou no Porto seria o melhor de todo do seu captiveiro, se a doença não viesse. Estava n'um quarto relativamente confortavel, não muito longe da sua familia, recebia noticias animadoras do estrangeiro e dos Açores; teve uma sentença relativamente moderada, porque, suppondo que seria condemnado á morte, foi condemnado apenas a degredo de cinco annos para o presidio das Pedras Negras. E não a cumpriria se mais algum tempo vivesse, como afinal a não cumpriu, mas por mais triste motivo. A 15 de dezembro de 1830 foi a sentença promulgada. Em julho de 1831 nem se pensava ainda em partir. Era bem possivel que se demorasse mais um anno ainda nos carceres do Porto, e em julho de 1832 entrava na heroica cidade o exercito libertador. Claudino empunharia de novo a espada, e as hostes constitucionaes, emquanto Saldanha não viesse, teriam para organisar a defeza do Porto uma cabeça militar, que não era muito inferior á do sympathico marechal.

Não quiz porém dar-lhe Deus essa ultima alegria. Accommettido pela terrivel molestia da gota, que depressa lhe subiu ao coração, Claudino falleceu no dia 13 de agosto de 1830, contando 54 annos de idade.

Foi sepultado nos Grillos, sem honras militares.

Sem honras militares! Como não havia de perder-se um partido, por mais numerosos que fossem os seus exercitos, que tinha generaes como Telles Jordão, e onde não havia um homem só que soubesse dizer aos outros que é de boa politica ser generoso com os inimigos que succumbem?!

PINHEIRO CHAGAS.

ATALANTA

Era uma vez um rei. Tinha uma filha
Tão celebre e formosa rapariga,
Que era a mais decantada maravilha
De toda a Grecia antiga.

Além das graças, era enobrecida
De tanta agilidade e tanta força,
Que de certo excedia na corrida
A rapidez da corça.

Requestavam-na mil; mas, entre todos,
Quem seria o feliz, o esposo eleito?
Scismava o rei, buscando a traça e modos
De decidir o pleito;

E resolveu-o emfim d'esta maneira;
—«Se algum de vós possue destreza tanta,
Que vença minha filha na carreira,
Possuirá Atalanta.»—

Eil-os a postos. Cada qual se empenha
Por correr mais que a esplendida princeza;
Mas é de balde: ninguem ha que tenha
A mesma ligeireza.

A LIÇÃO (Quadro de Karl Heyden)

O CREADO DO FIDALGO

(Quadro de Sheard Kennedy)

A PARTIDA DA MALA-POSTA (Quadro de L. Braun)

Hippomenes, um moço d'essas eras,
Provado athleta, donairoso e amante,
Receiava e pungia-lhe devéras
Não sair triumphante.

Consultou tudo: o amor, a sciencia, o agoiro;
E, á voz do amor, secreta e lisongeira,
Sobraçou um cabaz de pomos de oiro
E lança-se á carreira.

Corre a par Atalanta, acompanhando
Os largos passos do sagaz visinho,
Que a pouco e pouco os pomos vae largando
Ao longo do caminho.

Quem póde resistir a pomos de oiro?...
Distrae-se a velocipede garbosa.
E, sem temer derrota nem desdoiro,
Os pomos colhe anciosa.

E, emquanto ella os apanha, o moço athleta
Sofregamente os passos agiganta;
Do ajustado percurso chega á meta,
E... venceu Atalanta.

Venha a moralidade. Vós, leitoras,
Perante quem, nós homens, nada somos,
Serieis porventura vencedoras
Perante aquelles pomos?

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

PONTE DE LIMA

Esta villa dista 22 kilometros de Vianna e 27 de Braga.

A sua origem é muita remota. Em antigas eras soffreu diversas invasões dos sarracenos, que a deixaram em misero estado.

D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques fizeram repovoal-a em 1125, dando-lhe foral com muitos privilegios, que foi confirmado por D. Affonso II, e posteriormente por D. Manuel.

Apesar d'isto, chegou depois a tal decadencia, que apenas era um montão de choças no tempo de D. Pedro I, que a reedificou em 1360, fazendo construir a sua admiravel ponte de 24 arcos e guarnecendo a villa com grossas muralhas, nas quaes mandou abrir cinco portas.

A nossa estampa representa a vista da ponte e d'uma parte da villa.

Os principaes edificios de Ponte de Lima, são: a ponte, que já dissemos ter 24 arcos, e que, apesar de alguns melhoramentos ultimamente feitos, conserva, na sua maior parte, a construcção primitiva, sendo um curioso monumento de architectura gothica: e o outro, o solar da illustre familia dos Limas, que el-rei D. Affonso V elevou ás honras de viscondes de Villa Nova da Cerveira em 1476, e D. Maria I á de marquezes de Ponte de Lima em 1790. O palacio acha-se hoje em grande ruina, e o mesmo acontece ás muralhas da villa.

As cercanias de Ponte de Lima são de uma belleza admiravel. O rio Lima corre sobre um leito de alvissima areia, entre margens orladas de frondoso arvoredo e pelo meio de campos sempre viçosos, em que avultam, aqui e ali, ora uma torre ameiada, solar de remotas eras, ora uma casa gothica dos seculos XV e XVI, ora residencias de tempos mais modernos e mais prosaicos, mas agradavelmente situadas á beira do rio, ou escondidas entre copados bosques.

A LIÇÃO

E' a lição das fidalguinhas.

Aquelle grave pedagogo, de barba cuidadosamente escanhoada e ademanes sacerdotaes, ensina geographia ás duas irmãs.

Como ensinador consciencioso que é, toma o caso a sério, e massa-as com prelecções estupendas, esquecendo-se de que, qualquer das duas só pensa no amor, nos bailes da *haute gomme* e nas *toilettes* que mais se coadunem com a sua mocidade resplendente.

E' vêl-as.

A mais nova tem o pensamento muito longe do prelector e dos mappas geographicos. Pouco lhe importa saber quaes são os confins da America e a capital da Suecia. Aspira, distrahida, o perfume d'uma rosa, e sonha com um ideal de olhos negros e cabello ondeante.

A outra escreve a secco, no vestido, um nome que não se lhe apaga da memoria, e diz lá de si para comsigo, fitando contrariada o mestre impertinente:

—Forte massador!

A PARTIDA DA MALA-POSTA

Um quadro cheio de vida e movimento.

O conductor, depois de ter ido aquecer-se com um *grog*, na estalagem proxima, dá o signal da partida e vae para chicotear os cavallos impacientes.

N'este comenos apparece mais um passageiro.

—Espere dois minutos! brada o garoto que traz a mala do recem-chegado.

Dentro da carruagem ha imprecações surdas, gestos d'enfado que não se dissimula, segredinhos significativos, e ares carrancudos.

—Iamos tão bem assim! diz uma provinciana gorda, acalentando um petiz que leva ao collo.

—Agora teremos de ir como sardinha em tigela! rosna lá do canto um camponio de má catadura.

O passageiro importuno despede-se da familia inteira, que o acompanhou á estação. Vae ausentar-se por alguns dias. A esposa pede-lhe, entre abraços e soluços, que escreva. A filhinha recommenda-lhe que se não esqueça de comprar a boneca promettida. O sogro, um velho pouco dado a scenas patheticas, resmunga conselhos.

—Veja lá não se perca longe de nós. Juizinho, hein?

Até a matrona da sogra se impressiona com os «adeus» da despedida, lacrimejando ridiculamente.

—Ainda outro beijo e até breve!

A diligencia parte. Acenam com lenços até á curva da estrada. Depois faz-se um silencio apenas interrompido, de longe em longe, pelos dois rafeiros que se espojam na relva, ladrando aos transeuntes.

O CREADO DO FIDALGO

A julgar pelos ares que se dá aquelle patife, fica a gente sem saber se é elle o amo.

Quando alguem pergunta pelo fidalgo, o malandrim mede-o d'alto a baixo com o olhar prescrutador e insolente, sorve uma pitada de meio grosso, ensaiando *poses* aperaltadas, e diz, n'um tom da mais supina petulancia:

—Não esta em casa!

Lacaio por fóra, imagina sentir lá por dentro uns fumos de nobreza incompativel com a sua humilde posição de creado, e apresenta-se altivo a quem o quer fazer portador de cartas e recados.

Qualquer dia castigam-lhe a insolencia, com a ponta do pé, em sitio proprio.

Francamente é esse o castigo que está a pedir aquella attitude provocadora.

UMA BELLEZA CAMPEZINA

Digam-me se cá pelas cidades ha d'aquillo, mulheres que peguem sem esforço n'um cesto vindimo carregadinho a trasbordar, raparigas sadias e robustas, com lume no olho e frescura nos labios?

Pois não houveste!

O que por ahi se vê é artificial e postiço. Olhos d'aquelles só pintados. Labios vermelhos, como os da bella camponeza, nem uma sombra!

Aquillo sim, que não tresanda a preparados chimicos, nem exhibe crescenças de cabello emprestado. E' o que a natureza deu, sem contrafacção nem arrebiques de pintura, e confessem que é soberbo!

Os olhos, sobre tudo, são uma verdadeira tentação, e o sorriso não lhes fica atraz.

Se eu fosse pintor, iria procurar os meus modelos entre as mulheres d'aquelle quilate.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

UM ASSIGNANTE.—Vizeu.—Satisfazer a todos os paladares é um impossivel metaphisico. Se v. ex.ª e os assignantes seus conterraneos não sabem resolver problemas de Xadrez, ou não gostam d'este genero de passatempos, ha quem saiba e quem goste.

Quer que façamos uma edição especial, sem a *semsaboria* do Xadrez, para v. Ex.ª?

Ora seja rasoavel!

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Na musica e na musica ata-se e joga-se—1—1—1.

Porto. AUGUSTO F. BRANDÃO.

Esta flor cercada d'agua é uma planta—2—2.

Reguengos. MATTOS MENDONÇA.

E' homem e interjeição esta mulher—3—1.

Este homem é grande homem—2—2.

Leiria. A. M. MONTEIRO DOS REIS.

Atou esta medida n'uma cidade italiana—1—2.

Sem estar acompanhado estava alegre n'esta cidade hespanhola—1—2.

D. ANTONIO DE MAGALHÃES.

EM VERSO

(Por syllabas)

E' a luz a minha vida —2
E' meu leito a fria terra.—2
E' um filho do progresso,
E luz que as trevas desterra

Vês-me ahi em cada casa—2
Vês-me ahi por toda a parte—1
Magestoso, se executam
Com mestria a minha arte.

E' nobre senhor.—1
E' filho da dôr.—3
E' filho do povo
E seu dictador.

Monchique. SEBASTIÃO GALVÃO.

PHRASEADA

(Por lettras)

Passeiando no 1, 2, 3, 4, vi um 1, 4, 3, que jogava o 3, 4, 1, 2 com 3, 4, 3, 2 habilidade.

Reguengos. MARIA IGNACIA MARTINS DE CARVALHO.

LOGOGRIPHO

Vae no principio do livro—8—6—2—1—4—3—10
Quando fôr em meu proveito—8—6—4—1
Mas se saltar este insecto—5—6—7—1—1—2
Nas sementes, vês defeito—9—7—1—4.

De tão facil logogripho
Conceito nunca darei;
Pois dal-o, seria o mesmo
Que chamar monarcha ao rei.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

ENIGMA EM ACROSTICO

Cidade de Italia—.r.n.o
Cidade da Hollanda—.a.l.m
Paiz da Europa—.t.l.a
Cidade do Brasil—.l n.a
Isthmo na America—.a.a.á
Divisão da Arabia—.a.j.r
Cidade de Turkestan—.l e.i
Ilha da Italia—.i.a.i
Na physica—.p.i.a
Cidade da Hespanha—.u.g.s
Cidade da Austria—.a u.a
Cidade da França—.m.e.s
Rio da Africa—.a.b.a
Reino na Africa—.m.a.a

Coimbra. UM ACADEMICO.

DECIFRAÇÕES

Das charadas:

1.ª—Lavrador.
2.ª—Papagaio.
3.ª—Arabella.
4.ª—Penafiel.
5.ª—Regulador.
6.ª—Aveia.
7.ª—Tibre
8.ª—Polichinello.
9.ª—Cotovia.

Das adivinhas populares:
1.ª—Castanha.
2.ª—Abelha.

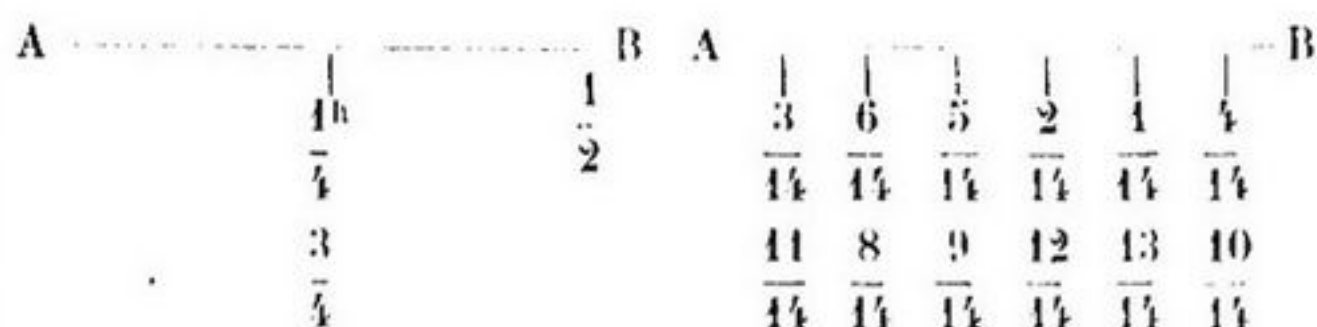
Do logogripho:—Cryptographia.

Do problema:

Figura 1

A ——————— B
$1^h \frac{1}{4}$ $\frac{3}{4}$ $\frac{1}{2}$

Figura 2

A ——————— B
$\frac{3}{14}$ $\frac{6}{14}$ $\frac{5}{14}$ $\frac{2}{14}$ $\frac{1}{14}$ $\frac{4}{14}$
$\frac{11}{14}$ $\frac{8}{14}$ $\frac{9}{14}$ $\frac{12}{14}$ $\frac{13}{14}$ $\frac{10}{14}$

A primeira figura refere-se aos encontros no mesmo sentido; a figura 2 aos que se realisam em sentidos contrarios. A recta AB da figura 2 está dividida em 7 partes eguaes, e os numeros correspondentes a cada divisão indicam as horas de encontro. Assim a $\frac{1}{7}$ de AB, contado de A, houve dois encontros: um ao meio dia e $\frac{3}{14}$ da hora, outro ao meio dia e $\frac{11}{14}$ da hora. A recta AB da figura 1 indica que os moveis passaram juntos no mesmo sentido ao meio dia e $\frac{1}{4}$; ao meio dia e $\frac{3}{4}$ e á meia hora depois do meio dia; e que, dois d'estes encontros, se verificaram no meio da recta AB, sendo o terceiro no ponto B.

A RIR

B... passeia dando o braço á sogra do seu amigo S...

De repente B... escorrega e cae, arrastando na queda a velhota, que se torna a levantar sem uma arranhadura.

S... aproxima-se então de B..., aperta-lhe affectuosamente a mão, e diz-lhe:

—Não podeste fazer mais, mas agradeço-te a boa vontade. Obrigado!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

MEIO DE MELHORAR O TABACO

Toma-se meio kilogramma de tabaco e põe-se em um vaso grande de crystal; junta-se-lhe meio litro de infusão de chá da India, e põe-se em seguida em um panno, a seccar. D'esta maneira obtem-se um tabaco com excellente aroma e sem aquelle acre particular e nocivo aos que abusam do cigarro.

O BOM POVO

O sol do dia 11 de janeiro, do anno do Senhor de 1384, encontrou extraordinariamente inquieto o bom povo da cidade d'Evora, aglomerava-se nas praças; dispersava-se pelas ruas com grande borborinho; tornava a unir-se e a separar-se em grupos irrequietos e ruidosos; não descançava um só momento. Era negocio grave.

Fôra o caso, que o alcaide-mór da terra, Alvaro Mendes d'Oliveira, partidario da rainha D. Leonor, sabendo que tinham sido tomados pela arraia miuda os castellos de Portalegre e de Estremoz, a favor do *Mexias de Lisboa*, como então muitos fidalgos chamavam ao Mestre d'Aviz, e receiando que a populaça d'Evora seguisse aquelles maus exemplos,—receio tanto mais justificado, quanto era notorio achar-se o castello da cidade mal guarnecido de gente, e a plebe muito enthusiasmada com o novo regedor do reino,—mandou chamar o juiz, o escrivão do concelho, o alcaide pequeno, todas ou quasi todas as pessoas da governança, e outras principaes, persuadindo-as a ficarem com elle, para deffenderem os inauferiveis direitos da rainha. Os chefes da opposição descobriram a tramoia, e apressaram-se a espalhar a noticia, acirrando a ira popular contra «os tredores scismaticos que queriam entregar o reyno a cujo não era.» Produziram magnifico effeito as patrioticas fallas dos agitadores; dentro em poucas horas toda a povoação estava em armas, e decidida a cortar a gorja aos scismati-

cos. Commandados por Diogo Lopes Lobo, Fernão Gonsalves Darqua e João Fernandes, seu filho, homens da nobreza, subiram os sublevados ás torres da sé, ás janellas e aos telhados do matadouro, que era em logar alto, e de lá começaram a arremessar um chuveiro de virotes contra o castello. Mas este era forte de muros, portas bem seguras e uma solida torre a protegel-o. Seria difficil tomal-o sem grande trabalho e muita perda de gente.

Occorreu então aos assaltantes uma engenhosa lembrança, que poseram logo em pratica, com o melhor exito. Reuniram as mulheres e os filhos dos que lá estavam dentro a defender o castello, amarraram-os bem amarrados aos carros em que os conduziram, collocaram-os á vista dos sitiados, e declararam a estes, que se não se rendessem immediatamente, gozariam o espectaculo de uma boa fogueira, na qual seria assada viva a familia. O chronista Fernão Lopes, narrando com a sua costumada singeleza os successos d'aquelle dia, diz que o expediente adoptado pelo bom povo d'Evora «era um jogo, que os povos meudos em semelhante caso muito acostumavam de fazer.»

Bom jogo, em que o ganho era quasi sempre certo. Os de dentro recusaram-se a assistir ao espectaculo, que tão generosamente lhes era offerecido, e entregaram-se, sob condição de sahirem para fóra da cidade, com todos os seus, a salvo. Foi isto combinado entre os chefes dos dois partidos, e tomaram-se as necessarias precauções contra o vivo enthusiasmo dos vencedores; sahiram os do castello por uma porta da cidade, e fecharam-se todas as outras para que os patriotas não sahissem ao caminho a roubal-os.

Invadindo o castello, os populares cuidaram logo de o saquear, e por ultimo lançaram-lhe fogo «de guisa, diz o chronista, que queimadas casas e quanto em elle havia, ficou devasso, como pardieiro, sem parte defensavel, que em elle houvesse.» Espalharam-se depois pela cidade: muita alegria, muita festa, muito vivorio. De caminho iam assaltando as propriedades dos que «lhe nunca haviam feito erro.» Quizeram obstar a estes desmandos Diogo Lopes Lobão, Fernão Gonsalves, e outros; mas os gloriosos triumphadores não se achavam muito dispostos á obediencia, e lembraram aos impertinentes commandantes, que se effectivamente eram dedicados á causa do Mestre d'Aviz, o melhor de tudo era unirem-se a elle, em Lisboa. Os commandantes acharam o conselho prudentissimo, e seguiram-o. Foi o que lhes valeu, porque já andavam no ar uns zuns zuns de traidores.

Satisfeitissimos por se poderem retirar com as costellas incolumes, seguiram para Lisboa, deixando a cidade entregue á turbamulta, que logo tomou por chefes Gonçalo Eanes, cabreiro, e Vicente Eanes, alfaiate. «E como alguns d'elles diziam, *Vamos a Foão matal-o, ou roubal o*, logo assim era feito, sem lhe valer nenhum dos grandes da cidade, posto que por elle se quizessem poer.»

Havia ali uma casa de freiras benedictinas, cuja abbadeça, muito parcial da rainha D. Leonor, ouvindo as vozerias dos insurgidos, dissera: *Ex os bebados andam com as suas bebedices; deixayos vós, que ainda se elles mal hão de achar por estas cousas que andam fazendo.* Constaram estas palavras á multidão, que não gostou da rhetorica, e resolveu-se incontinenti dar uma significativa demonstração de desagrado á oradora. Foram ter com ella á sé, onde se achava ouvindo missa com a communidade, e tiraram-a das suas devoções, para lhe ensinarem moderação e cortezia. Ainda no meio da egreja arrancaram-lhe a touca da cabeça, rasgaram-lhe o habito, e antes de chegar á porta principal já lhe haviam cortado «as fraldas de todalas vestiduras,» de modo que ficou uma. Assim a foram levando aos encontrões até á praça, onde um intrepido homem d'armas lhe descarregou uma forte cutilada na cabeça. Cahiu morta, e cahiu-lhe tambem em cima do corpo uma boa dose de cutiladas, porque todos queriam vingar a honra do povo, que ella tinha ultrajado.

Satisfeita a sua justa vindicta, diz o chronista, que os heroicos revolucionarios «foram comer, e buscar outros desenfadamentos.» Cerca da noite voltaram á praça onde o cadaver da boa freira tinha ficado algum tempo em descanço; ataram-lhe uma corda aos pés e arrastaram-o até ao rocio, perto do curral das vaccas. Muitos ditos, risadas: a alegria sã das boas almas. A fadiga de tantos trabalhos em todo o santissimo dia venceu emfim os heroicos patriotas, que foram restaurar as forças nos braços de Morhpheu,—isto é, coser a bebedeira, como diria a abbadeça. No entanto, o corpo d'esta lá ficou ao sereno, até que por alta noite vieram muito escondidamente buscal o alguns adherentes do convento, e dar-lhe sepultura na sé.

O bom povo!

D.

UMA BELLEZA CAMPEZINA (Quadro de W. Reiche)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso...............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa